

Parceria com a comunidade

Trazer a população para dentro das instituições de ensino parece ser uma solução concreta que pode ajudar a combater a violência nas escolas. Além das medidas de segurança, os diretores das unidades trabalham com programas educativos em conjunto com a comunidade. Isto para que a própria vizinhança sirva de multiplicadora e conscientizadora, além de funcionar como fiscal do patrimônio público.

O método é incentivado pelo Grupo de Apoio à Segurança Escolar (Gase), do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT), criado em 2001. Na época, todas as escolas públicas foram analisa-

das por meio de questionários. O programa visa criar dentro de cada instituição um conselho de segurança escolar formado por professores, alunos, diretores, vigilantes e policiais militares para discutir questões de segurança e repressão à violência. "A idéia é criar um projeto de cultura de paz e reeducar quem já está ali", resumiu um dos idealizadores do projeto, o promotor de Justiça Rubim Lemos.

■ Adesão

Desde a criação do programa, 18 escolas já aderiram ao programa. A expectativa é que, a partir de 2008, o MPDFT capacite 20 instituições por ano. Das 27 regiões

administrativas do DF, apenas as escolas de Planaltina e Paranoá ainda não possuem uma comissão de segurança, porque o programa ainda está em fase de implantação.

Com a iniciativa, escolas que encabeçavam a lista de problemas, hoje mostram que é possível mudar conceitos preestabelecidos com boa vontade e apoio da comunidade. "Quando se tem vontade de trabalhar, os programas dão certo, mesmo sem o apoio do Estado. Temos resultados concretos de que, quando ensinamos a cidadania, a população exerce", disse o promotor.

Foi o que ocorreu com o Centro de Ensino 60, localizado

na Expansão do Setor O, em Ceilândia. Em 2002, um aluno foi assassinado dentro da instituição, na hora do intervalo. Na época, o índice de evasão subiu para 30%. Quatro anos depois, a escola atua com 1.200 estudantes e uma fila de espera de outros 100, que pediram transferência para a unidade que se tornou modelo.

"Sofríamos com o problema da comunidade violenta. Hoje, possuímos projeto para buscar proximidade com a vizinhança e oferecemos opções de diversão e lazer para integrá-los com a escola, como campeonatos de xadrez, futebol e festas regionais", explicou o vice-diretor da escola, Magno Luís Nunes.